

O Lugar da Opinião no Texto Jornalístico e no Texto Literário - Estudos sobre Obras de Antonio Callado*

Alice Mitika Koshiyama **

O trabalho constata que tanto nas matérias jornalísticas como nos textos literários a opinião do autor sobre personagens e acontecimentos da história real concreta está relacionada com o resultado final do trabalho. Mas, um estudo sobre obras do jornalista e escritor Antonio Callado permite-nos questionar a noção bastante difundida no jornalismo contemporâneo da grande imprensa de que um repórter não deve manifestar claramente sua opinião sobre personagens e acontecimentos nas reportagens que redige, se quiser fazer um trabalho de qualidade.¹

Em seus textos jornalísticos Antonio Callado sempre manifestou aberta e corajosamente sua opinião, mesmo sabendo que sofreria duras represálias dos poderosos de plantão.² E sua produção de romancista vincula-se bastante à história contemporânea do Brasil e às tensões sociais dos anos cinquenta à década de oitenta.³

As três obras que integram este estudo abordam, jornalisticamente ou em ficção, acontecimentos da história do Brasil, foram publicadas entre 1964 e 1967 e apresentam elementos comuns que permitem uma

* O texto é uma reformulação do trabalho apresentado e discutido na 39.ª Reunião Anual da SBPC, em 16-7-87, em Brasília.

** Professora do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP.

observação mais acurada da presença da opinião do autor nas obras. Os textos são:

1 — *Tempo de Arraes: padres e comunistas na revolução sem violência*, publicado em 1964 por José Alvaro Editor, é um livro formado por uma série de reportagens originalmente publicadas entre dezembro de 1963 e janeiro de 1964 no *Jornal do Brasil*.

2 — “Jango ou o suicídio sem sangue”, artigo que integra a obra coletiva organizada por Alberto Dines, *Os Idos de Março e a Queda de Abril*, publicação de José Alvaro Editor, de 1964, com reportagens e artigos opinativos sobre o golpe militar desfechado naquele ano.

3 — *Quarup*, romance editado pela primeira vez em 1967, pela Editora Civilização Brasileira, atualmente na 12.^a edição pela Nova Fronteira, e que aborda ficcionalmente, em parte do seu enredo, temas tratados nas matérias jornalísticas.

Nos três trabalhos, é transparente a admiração de Antonio Callado pela ação do governador de Pernambuco Miguel Arraes (1962-1964), o Governador no romance.

No prefácio ao seu livro-reportagem, Callado opina sobre os acontecimentos que resultaram na deposição e prisão de Arraes:

O panorama que encontrei em Pernambuco em fins de 1963 era de infundir esperança mesmo ao mais desanimado dos brasileiros. De 1959 para cá, e principalmente sob a liderança de Miguel Arraes, Pernambuco se dedicara à mais escassa das atividades deste país: a de fazer História.

A revolução de Pernambuco era “piloto”, no sentido de que provavelmente inspiraria a revolução maior, brasileira e ambas tinham jeito de triunfar à brasileira, com bons modos e pouco sangue. Agora não sei.⁴

Em “Jango ou o suicídio sem sangue”, Callado honestamente manifesta suas decepções e formula seus desejos, ao comparar Jango e Arraes:

Haverá ainda algum futuro político para esse líder de apenas 46 anos? Parece pouco provável. Uma reviravolta para a esquerda traria à tona Brizola, ou o que seria preferível, Miguel Arraes, que se apura na praia triste do degrêdo de Fernando de Noronha. Qualquer dos dois poderia se valer, isto sim, do mito do janguismo reformista. Se o atual Governo ignorar as esquerdas como Jango ignorou a classe média, estará igualmente condenado. Um Brasil-povo começava a medrar Pernambuco, deitando raízes fundas em massapê úmido e escuro. Esse Brasil reagirá se o replantarem em definitivo no pote de seixos de areia de um Ato Institucional seco e senil como a mente que o pariu.⁵

Nos textos jornalísticos as opiniões do autor sobre a atuação de Arraes em Pernambuco estão claramente expostas, o que não acon-

tece no romance onde temos um narrador e as personagens. Podemos, no entanto, observar, a partir da comparação de trechos dos textos jornalísticos com o texto ficcional, como Antonio Callado articula seu trabalho no romance a partir de um mesmo julgamento sobre Arraes.

Em *Quarup*, a personagem Januário, advogado e um dos líderes das Ligas Camponesas, visita Nando em casa, regressando do Estado da Paraíba. Januário lembra-nos, em alguns traços, o advogado Francisco Julião, personagem da história. E Januário observa:

— Pelo menos em Pernambuco já deixamos para trás o assassinio puro e simples — disse Januário a Nando. — Isto eu concedo de sobra ao Governador. Ficou para trás a tocaia que capangas armados fuzilam um caboclo de ouro, como o Pedro Monteiro de Mari. E quase matam o filho dele, um garoto de doze anos. A mulher, Isabel Monteiro, viu a fuzilaria da janela da casinha e ouviu os gritos do menino ferido de raspão. (...)

— Não sei o que é que ela sente quando pensa no Pedro, isso ninguém sabe — disse Januário. Mas estava de olho aceso, seco, dizendo o nome dos mandantes do crime. “Se os pistoleiros que mataram Pedro entrassem por aquela porta agora eu cuspiam na cara deles mas deixava eles irem embora. Tem os que cavam a terra e tem os que matam os outros. Para comer. Mas esses Cardosos latifundiários eu juro que pagam o que fizeram.”⁶

Isabel Monteiro é personagem de ficção. Mas, é claramente inspirada em pessoa viva, da admiração de Callado. O quinto capítulo do livro *Tempo de Arraes* é a “História Trágica de Elizabete Teixeira”. Quando Callado a conheceu, Elizabete era presidente da Liga Camponesa de Sapé. Seu marido, João Pedro Teixeira, líder camponês, havia sido assassinado há mais ou menos dois anos antes. Um dos seus nove filhos, que Callado conheceu com 13 anos de idade, também foi baleado. João Pedro Teixeira foi assassinado pelos dois grupos latifundiários da Paraíba — Ribeiro e Borges — a quem se uniu o sogro dele finalizando uma perseguição de vinte anos. De seu pai, disse Elizabete:

— Ele é um pequeno proprietário e, como os outros, pensa que vai ser latifundiário. Por isso é que não gostava de João Pedro, que era comunista.⁷

Elizabete Teixeira é também personagem do belo filme de Eduardo Coutinho, *Cabra Marcado para Morrer*.⁸

No texto jornalístico de Callado, Elizabete é uma líder equilibrada, corajosa mas sem ódios pessoais. No romance, os arroubos retóricos de Januário mostram Isabel em uma perspectiva estereotipada, filtrada pela visão mistificadora de um político.

Falando sobre o Governador, Januário traça um quadro idílico sobre o seu tempo, mostrando-o como o todo poderoso que derrotou totalmente os desmandos dos latifundiários. Em *Quarup*, na passagem analisada, Januário expressa uma situação ideal.

Em sua visão de repórter, Antonio Callado mostra que, mesmo no tempo de Arraes, líderes camponeses e seus aliados continuavam ameaçados de serem mortos, apesar das autoridades lutarem para impor a lei. Como foi o caso do assassinato de cinco camponeses pelos capangas do usineiro José Lopes Siqueira, quando foram desarmados até a Usina Estreliana, no município de Ribeirão, reivindicar o 13.º salário que o proprietário recusava-se a pagar. O usineiro não foi processado nem preso pelo crime.⁹ Outro assassinato foi cometido por Oscar Veloso com alguns proprietários de terras que armaram uma emboscada em agosto de 1963, contra Paulo Roberto Pinto, o Jeremias, gráfico de 23 anos, natural de São Paulo. Jeremias, no momento de sua morte, chefiava camponeses que faziam reivindicações no Engenho Oriente, em Tembé.¹⁰

Ao tratar da violência das classes dominantes em Pernambuco, no tempo de Arraes, o jornalista Antonio Callado consegue articular uma representação da realidade mais complexa do que em seu romance *Quarup*.¹¹ Toda a violência secular dos oligarcas acostumados a viver sem nenhum parâmetro legal necessitaria, para ser estancada, de mudanças mais profundas ou de um tempo mais longo do que a curta gestão de Arraes.¹²

É o jornalismo de Callado que nos mostra militantes políticos ainda insatisfeitos com os esforços do governador para assegurar apenas as conquistas legalmente garantidas aos trabalhadores. Quando insistiam em pressionar as autoridades pedindo mudanças sociais mais radicais, alguns desses militantes chegaram a ser presos, acusados de transgredir a lei.¹³

Depois de comparar fragmentos do romance *Quarup* com fatos e pessoas da história e seu registro jornalístico, verificamos que a opinião do autor sobre os fatos que narra é uma variável importante na organização do seu trabalho. A análise feita sobre o jornalismo de Antonio Callado revela como a opinião pode ser integrada na matéria jornalística tornando-a mais expressiva, menos impessoal. E comprova-nos que uma opinião favorável pode conviver com o esforço de mostrar, honestamente, o que está acontecendo. Toda a admiração de Callado a Arraes não o impediu de apontar as limitações de um projeto reformista de governo e as situações contraditórias do cotidiano por ele vivido. O romancista Antonio Callado externou sua opinião favorável a Arraes criando situações em que mitifica o personagem histórico, transformado em personagem literário. Callado romancista usou de um poder legítimo do ficcionista, uma vez que a criação literária é um processo totalmente descompromissado com a necessidade de provar documentalmente os fatos apresentados.¹⁴

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. A proposição de equidistância diante dos fatos desmorona, ao fazer-mos a leitura mais atenta de um texto jornalístico onde não constam expressamente as opiniões pessoais dos redatores. Ver: KOSHITYMA, Alice Mítika. "Técnicas de Mascarar Interesses (a prática da objetividade no jornalismo)", *Comunicações e Artes*, São Paulo, 15, 1986, pp. 113-137.

Em um sentido mais amplo, a possibilidade da equidistância em tese e a sua expressão na prática do jornalismo é debatida nos *Cadernos INTERCOM — Objetividade Jornalística: Ética e Técnica*, organizado por José Marques de Melo.

2. Antonio Callado é um dos jornalistas competentes do país, tendo participado da vida política e cultural como repórter, comentarista e destacando-se na luta contra as imposições da censura política do regime pós-64. Foi redator-chefe do *Correio da Manhã*, demitindo-se do cargo quando o jornalista Carlos Heitor Cony foi afastado do seu trabalho de cronista crítico dos desmandos do poder militar. Depois do Ato Institucional n.º 5, de dezembro de 68, Callado foi impedido de escrever sobre temas políticos. Foi jornalista da imprensa diária de 1937 a 1975, ano em que se aposentou para prosseguir no trabalho de escrever profissionalmente romances.

3. Ver: KOSHIYAMA, Alice Mitika. *O Tempo de Levindo: Ficção e História no Romance Quarup*, São Paulo, 1986, tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em junho de 1987.

4. CALLADO, Antonio. *Tempo de Arraes: padres e comunistas na revolução sem violência*, Rio, José Álvaro, 1964.

5. CALLADO, Antonio. "Jango ou o suicídio sem sangue", in *Os Idos de Março e a Queda de Abril*, Rio, José Álvaro, 1964, p. 276.

6. CALLADO, Antonio. *Quarup* (romance), 7.ª ed., Rio, Civilização, 1974, pp. 337-338.

7. CALLADO, Antonio. *Tempo de Arraes*, p. 66.

8. *Cabra Marcado para Morrer* é uma obra de Eduardo Coutinho, iniciada pelo Movimento de Cultura Popular para reconstituir a vida de João Pedro Teixeira, marido de Elizabete. O golpe de 64 obrigou a equipe a interromper o trabalho e parte do filme rodado desapareceu. Somente durante o governo Figueiredo o diretor reencontrou suas personagens e registrou o que havia acontecido nos anos mais duros da repressão com todos eles. O filme incorpora materiais jornalísticos — fotografias e recortes de jornais — mostrando inclusive uma página do *Jornal do Brasil* com fotografias de Elizabete e seus filhos, assinada por Antonio Callado. Trecho do roteiro do filme e algumas informações sobre a obra estão em *LUA NOVA*, vol. 1, n.º 2, julh.-set. 1984, São Paulo, Brasiliense/CEDEC, pp. 70-74.

9. CALLADO, Antonio. *Tempo de Arraes*, p. 118.

10. CALLADO, Antonio. *Tempo de Arraes*, p. 131.

11. CALLADO, Antonio. *Tempo de Arraes*, p. 95-110.

12. Um estudo da história do Brasil mostra nitidamente que em algumas regiões o assassinato de militantes identificados com causas de interesses dos trabalhadores acontece impunemente ainda nos dias de hoje, com a complacência de autoridades encarregadas de aplicar a lei. Paulo Fonteles, militante do PC do B e deputado federal pelo Estado do Pará na Assembléia Constituinte deste ano, antes de ser assassinado havia até apresentado uma lista aos colegas parlamentares onde ele também figurava — eram os nomes marcados para morrer porque incomodavam os interesses dos latifundiários da região.

13. Da obra de ficção pede-se verossimilhança, não havendo nenhuma exigência que ela seja compatível com a verdade dos fatos históricos identificáveis. Todos os recursos lingüísticos estão à disposição do escritor para que ele os utilize no processo de criação literária, havendo para cada obra critérios destinados a manter regras de coerência interna do texto. Ver: HAMBURGER, Käte. *A Lógica da Criação Literária*, trad. M. P. Malnic, São Paulo, Perspectiva, 1975.